

Educação em saúde sobre a luta antimanicomial para usuários de um Centro de Atenção Psicossocial em Belém-PA

Health education on the anti-asylum fight for users of a psychosocial care center in Belém-PA

Emanuele Cordeiro Chaves¹, Karen Caroline Vieira dos Santos²,
Carla Andréa Avelar Pires²

¹Núcleo de Medicina Tropical, Universidade Federal do Pará, Belém (PA), Brasil.

²Universidade Federal do Pará, Belém (PA), Brasil.

RESUMO

Contextualização: A análise histórica do tratamento direcionado ao usuário com transtorno mental possibilita identificar os avanços ocorridos ao longo dos anos, o que representa uma conquista do Movimento da Luta Antimanicomial, mas que precisa ser fortalecida na atualidade. Nesse sentido, objetivou-se relatar uma ação de educação em saúde sobre a luta antimanicomial realizada com usuários de um Centro de Atenção Psicossocial. **Descrição da experiência:** Trata-se de um estudo transversal, descritivo, com abordagem qualitativa. Em alusão ao Dia Mundial de Luta Antimanicomial foi realizada uma roda de conversa em um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD) no município de Belém-PA, sobre a luta antimanicomial. Participaram da atividade 27 usuários do serviço. Para a realização do estudo utilizou-se a metodologia de roda de conversa, sendo que a experiência foi realizada em dois momentos, primeiro a roda de conversa conduzida por uma enfermeira e uma acadêmica de medicina do Programa de Educação pelo Trabalho (PET-Saúde/GraduaSUS), a partir de seis imagens sobre a temática, seguida pela construção de um varal contendo as fotografias utilizadas previamente, intitulado “varal da luta”. **Resultados e impactos:** Os usuários participaram ativamente da discussão, tornando-se empoderados acerca da temática. A partir da roda de conversa emergiram as seguintes questões: a importância de se ter confiança no tratamento e no controle dos transtornos; o valor de transformar a sociedade em um meio menos hostil a essa população; a necessidade de atividades complementares, como artes e esportes. **Considerações finais:** Pode-se considerar que a atividade foi exitosa, pois através do esclarecimento diversos paradigmas e preconceitos foram combatidos, culminando com o “recrutamento” de apoiadores dessa luta antimanicomial que ainda precisa ser fortalecida, para que se alcance as melhores condições de tratamento aos usuários com transtornos mentais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em saúde. Saúde mental. Reforma dos serviços de saúde.

Recebido: Ago. 15, 2017
Aceito: Nov. 16, 2017

COMO CITAR ESTE ARTIGO

Chaves EC, Santos KCV, Pires CAA. Educação em saúde sobre a luta antimanicomial para usuários de um Centro de Atenção Psicossocial em Belém-PA. *Interdisciplinary Journal of Health Education*. 2017 Jan-Jul;2(1):74-79. <http://dx.doi.org/10.4322/ijhe.2016.031>

CORRESPONDÊNCIA

Emanuele Cordeiro Chaves
Núcleo de Medicina Tropical,
Universidade Federal do Pará
Av. Conselheiro Furtado, 1734,
Cremação, CEP 66040-100, Belém (PA),
Brasil
manu.chaves@hotmail.com

FONTE DE FINANCIAMENTO

Nenhuma.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declararam não haver conflitos de interesse.

O estudo foi realizado na Secretaria Municipal de Saúde de Belém, Belém (PA), Brasil.

O estudo dispensou a aprovação em Comitê de Ética, por se tratar de um relato de experiência.

Todos os autores leram e aprovam a versão final submetida ao *Interdisciplinary Journal of Health Education* (IJHE).

ABSTRACT

Contextualization: The historical analysis of the treatment directed to the user with mental disorder makes it possible to identify the advances that have occurred over the years, which represents an achievement of the Movement of the Fight against Assault, but that needs to be strengthened nowadays. In this sense, the objective was to report an action of health education on the anti-asylum fight carried out with users of a Psychosocial Care Center. **Description of the experience:** It is a cross-sectional, descriptive study with a qualitative approach. In allusion to the World Day of Anti-Manicomial Struggle, a conversation was held at a Psychosocial Alcohol Drug Attention Center (CAPS AD) in the city of Belém, Brazil, about the anti-asylum fight. Twenty-seven users of the service participated in the activity. For the achievement of the study the methodology of conversation wheel was used, being the experience was realized in two moments, first the talk wheel conducted by a nurse and a medical student of the Program of Education by Work (“PET-Saúde/GraduaSUS”), from six images on the theme, followed by the construction of a clothesline containing the photographs previously used, entitled “fight clothesline”. **Results and impacts:** Users actively participated in the discussion, becoming empowered about the issue. From the conversation, the following questions emerged: the importance of having confidence in the treatment and control of disorders; The value of transforming society into a less hostile environment to this population; The need for complementary activities such as arts and sports. **Final considerations:** It can be considered that the activity was successful, because through the enlightenment several paradigms and prejudices were combated,

culminating in the “recruitment” of supporters of this anti-asylum struggle that still needs to be strengthened, in order to achieve the best treatment conditions To users with mental disorders.

KEYWORDS: Health education. Mental health. Health care reform.

Contextualização

Buscar compreender a perspectiva histórica da psiquiatria é reconhecer, como um dos princípios fundamentais, que as práticas psiquiátricas, a doença mental e o saber que a reconhece são contraditórios e estão relacionados ao contexto político, econômico e social de cada sociedade, e que, portanto, verdades absolutas não podem ser consideradas, uma vez que a determinação da loucura está ligada a múltiplos fenômenos¹.

Historicamente, a loucura foi caracterizada e pensada de forma dependente dos momentos sociais, políticos e culturais da humanidade, podendo ser vista como ligada aos deuses ou como castigo de Deus. Desta forma, os ditos loucos eram excluídos do meio social, o que implicou no surgimento dos “asilos”, nos quais muitos pacientes eram acorrentados e submetidos a tratamentos como banhos gelados, eternizando uma vida em meio à tortura e à total perda de dignidade².

Os “manicômios” efetivamente foram inaugurados no Brasil durante o segundo reinado (1841-1889), contudo esses indivíduos eram tidos como indesejáveis nas Santas Casas de Misericórdia, as quais ainda em meados do século XVIII já dispunham de “casinhas de doidos”³. Tanto na Europa quanto no Brasil, os “manicômios” foram erguidos muito antes do surgimento de terapias e prescrições psiquiátricas, de forma que as pessoas com “males da loucura” não obtinham nenhum tipo de assistência médica⁴.

No Brasil, o Movimento da Luta Antimanicomial iniciou-se no final da década de 1970, sendo motivado pela luta em favor dos direitos dos doentes mentais, representando não somente uma metamorfose às práticas anteriormente encarregadas da Saúde Mental como também impulsionando a sociedade a refletir sobre a separação entre normalidade e doença, loucura e sanidade².

Como fruto do Movimento da Luta Antimanicomial, foi aprovada em 2001 a Lei nº 10.216, conhecida como a Lei da Reforma Psiquiátrica Brasileira, que trata sobre os direitos das pessoas em sofrimento psíquico e reorienta o modelo assistencial. É notório seu potencial indutor de transformações e avanços no cenário assistencial do país, com mudanças no perfil dos hospitais psiquiátricos com incentivo financeiro para os de menor porte, redução drástica dos leitos SUS em hospitais psiquiátricos, além de registrar o repasse de recursos federais de incentivo financeiro para o desenvolvimento de estratégias de reabilitação psicossocial e em chamadas de fortalecimento do protagonismo de usuários e familiares⁵.

Apesar dos avanços obtidos, ainda existe a necessidade de se consolidar efetivamente os direitos conquistados e caminhar em busca do alcance de mais direitos. Nesse contexto, os usuários e seus familiares representam os principais receptores dos serviços de saúde mental e potenciais interessados em mudanças mais profundas nas políticas e sistemas convencionais de saúde mental, por isso, em muitos países eles desenvolvem ações próprias e autônomas, forçando serviços e programas a darem respostas mais adequadas a suas necessidades, além de criarem novos conceitos e abordagens teóricas. Em alguns países do Norte da Europa e de cultura anglo-saxônica, as abordagens e as estratégias de empoderamento constituem a principal perspectiva conceitual e prático-operativa nesta direção⁶.

Nesse sentido, o presente artigo objetiva relatar uma ação de educação em saúde sobre a luta antimanicomial realizada com usuários de um Centro de Atenção Psicossocial.

Descrição da experiência

Trata-se de um estudo transversal, descritivo, com abordagem qualitativa, que utilizou como metodologia a realização de roda de conversa. A experiência foi realizada no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPSAD), no município de Belém-PA, onde são realizados atendimentos multiprofissionais relacionados ao etilismo, adicção e outros agravos previstos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais versão número 5 (DSM-V). A condução da atividade foi realizada por uma acadêmica de medicina e uma enfermeira, como parte das atividades do Programa de Educação pelo Trabalho (PET-Saúde GraduaSUS), e com o apoio dos profissionais que atuam no CAPS.

Em alusão ao Dia Mundial de Luta Antimanicomial, comemorado em 18 de maio, foi organizado pela Coordenação do CAPS uma Programação especial sobre a temática, dentre a qual a realização de uma roda de conversa, a qual é relata no presente manuscrito. A atividade contou com a participação de 27 usuários do serviço. A metodologia utilizada para a abordagem educativa foi roda de conversa, pois se trata de um método de ressonância coletiva, que consiste na criação de espaços de diálogo, nos quais as pessoas podem se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si mesmos⁷.

A abordagem educativa foi realizada em dois momentos:

- Realização da roda de conversa: inicialmente foi estruturada a roda de conversa, de forma que todos os participantes pudessem se enxergar e assim facilitar o diálogo, posteriormente todos os participantes se apresentaram e a acadêmica e a enfermeira apresentaram seis imagens que representavam aspectos importantes da Luta Antimanicomial, como as instituições manicomiais do século XX, imagens metafóricas sobre a mente e fotos que remetiam à importância da multidisciplinaridade no tratamento dos transtornos mentais, e instigaram a participação dos usuários no debate sobre a temática, de forma que estes pudessem refletir sobre os avanços e desafios relacionados ao atendimento em saúde mental no Brasil;
- Construção do “Varal da luta”: após a abordagem inicial, os usuários foram convidados a pregar as imagens previamente utilizadas na discussão em um varal de fotografias, nomeado de “Varal da luta”, localizado em um espaço aberto do centro, como uma forma simbólica de expor a luta antimanicomial como parte de um movimento que os profissionais de saúde e a sociedade de forma geral precisam “vestir”.

Resultados e impactos

A atividade produziu empoderamento dos usuários acerca da luta antimanicomial, pois se verificou que a partir do conhecimento repassado, eles puderam refletir e compartilhar com o grupo vivências relacionadas ao cuidado dispensado aos usuários em tratamento para saúde mental, tanto pelos profissionais de saúde quanto pela própria família, e assim discutir sobre os avanços e desafios que ainda existem na abordagem em saúde mental.

Estudo realizado em 2013 em um CAPS III na cidade de Campinas-SP identificou, a partir da visão dos usuários, que o empoderamento perpassa pela independência e liberdade, pelo conhecimento, informação e capacitação e pelo desenvolvimento do autocuidado e do cuidado de si⁸.

Desta forma, a partir da conversa, os usuários puderam se enxergar como parte importante dessa luta, a qual deve ser fortalecida diariamente, para que eles possam



desfrutar do melhor atendimento possível, e conseqüentemente terem o seu estado de saúde recuperado com maior brevidade.

A importância da discussão da temática é ratificada por autores que afirmam que após a legitimação de alguns dos pressupostos do movimento da Luta Antimanicomial parece que a sociedade se encontra em um processo de “adormecimento” de luta, seja ele decorrente do próprio avanço dos paradigmas ou pelo cenário dos movimentos sociais na atualidade, que não possuem uma unidade e, por vezes, fragmentam-se⁹.

Durante a atividade, algumas questões foram pontuadas pelos usuários, como:

- A importância de se ter confiança no tratamento e no controle dos transtornos: alguns pacientes relataram que se sentiam inseguros em relação à possibilidade de recaídas e manifestaram dúvida sobre a eficácia do tratamento, para isso a enfermeira e a acadêmica esclareceram a necessidade de adesão à terapêutica, para que esta realmente surta os efeitos desejados, além disso, apresentaram a persistência como uma característica pessoal que pode ser aliada fundamental para o desfecho favorável, o que foi corroborado por usuários presentes no grupo;

Tal questão aponta para a importância de se analisar o grau de acolhimento e vínculo entre serviço, profissional e usuário, que consiste em um dos fundamentos das Redes de Atenção à Saúde para eficiência da qualidade de cuidado ofertado, que é alcançado através de uma relação que necessita ser construída desde o primeiro contato do indivíduo com o serviço de saúde, por meio de uma interação que gere confiança e empatia¹⁰.

- O valor de transformar a sociedade em um meio menos hostil a essa população: quando exposto o paradigma sobre o modelo anterior de tratamento em saúde mental (manicômios) e o atual (CAPS), os usuários verbalizaram que realmente essa mudança foi muito importante para eles, pois se estivessem vivenciando o modelo de tratamento anterior estariam “aprisionados”, e ao contrário disso, atualmente recebem tratamento multiprofissional e podem manter seus vínculos familiares e sociais mesmo durante o tratamento. Contudo, reforçaram que a abordagem da sociedade à pessoa com problemas de saúde mental precisa ser melhorada, pois ainda continuam sendo vítimas de preconceito em diversas esferas.

Além dos CAPS, que tem sua atuação no nível secundário de assistência, deve-se destacar que o cuidado prestado à pessoa com doença mental no município de Belém-PA vivencia a transição da assistência para os serviços de atenção primária, mais especificamente a Estratégia Saúde da Família (ESF), o que segundo a literatura¹¹ é fundamental para que se tenha a oportunidade de organizar os serviços de saúde mental de uma forma capaz de evitar o isolamento, o preconceito, a discriminação, além de facilitar a compreensão das vivências através de atitudes humanizadoras.

- A necessidade de atividades complementares, como artes e esportes: verificou-se que percentual importante de usuários desenvolvia alguma atividade relacionada a artes ou esporte, sendo relatada a importância destas na promoção de saúde. Por exemplo, um dos usuários afirmou que tem obtido sucesso ao se utilizar da música para controlar os sinais de abstinência do álcool.

Tal constatação realizada pelos usuários vai ao encontro do resultado obtido em um estudo de revisão sistemática, que analisou a produção científica publicada no período de 2000-2013 que versava sobre o efeito da arte como recurso terapêutico para pessoas com transtornos mentais por meio de metodologia qualitativa, e identificou que a arte possui um potencial significativo para a reabilitação psicossocial de pessoas



com transtornos psíquicos, podendo funcionar como um valioso recurso no cenário atual de desafios para o cuidado em saúde mental¹².

Ao final da roda de conversa os usuários participaram ativamente da construção do “varal da luta”, assim como os profissionais do centro, além disso, os pacientes reconheceram a importância do CAPS na luta antimanicomial e avaliaram a estratégia de roda de conversa como eficaz para a discussão da temática, pois permite não só o compartilhamento de informações técnicas pelos profissionais como também das vivências dos usuários, constituindo um espaço de construção de saber e desconstrução de preconceitos.

O principal desafio encontrado para a realização da atividade foi a fase de “conquista” da confiança dos usuários, para que pudessem participar como sujeitos ativos do processo e a metodologia pensada fosse praticada. Para superar esse desafio a equipe de pesquisa teve o apoio incondicional dos funcionários do CAPS, que apresentaram o grupo de pesquisa como pessoas que são envolvidas com a causa e, portanto, dignos da confiança dos usuários, de forma que o vínculo existente entre os colaboradores do serviço e usuários fosse expandido também para os pesquisadores.

As limitações do estudo estão relacionadas à própria natureza do estudo transversal, o qual avalia a ocorrência dos eventos em um único momento de tempo.

Considerações finais

Pode-se considerar que a atividade foi exitosa, pois através do esclarecimento diversos paradigmas e preconceitos foram combatidos, culminando com o “recrutamento” de apoiadores dessa luta antimanicomial que ainda precisa ser fortalecida, para que se alcance as melhores condições de tratamento aos usuários com transtornos mentais.

Do ponto de vista da acadêmica de medicina, destaca-se que a atividade permitiu a descoberta de questões sobre as necessidades dos usuários nunca antes escutadas ou estudadas em sala de aula. Além disso, despertou a reflexão sobre a complexidade do atendimento médico a ser realizado, pois quando o relato das queixas dos usuários não corresponde à racionalidade e sim a um emaranhado junto a uma mente que sofre e precisa de ajuda, cabe ao profissional adentrar em sua irracionalidade e protegê-lo, para então convencê-lo que se trata de uma enfermidade e que mesmo que não pareça, melhorará com o tratamento.

Desta forma, existe a necessidade de mudanças nos paradigmas relacionados à saúde mental brasileira que deve começar na própria academia. Propostas de humanização que gradativamente adentram às Universidades brasileiras, através do ensino do Sistema Único de Saúde merecem uma abordagem vigorosa e exigente sobre essa temática. Atividades como a realizada, em parceria da Universidade com o serviço, devem ser estimuladas, pois possibilitam a construção e reconstrução de saberes entre usuários, profissionais e acadêmicos.

Agradecimentos

À Secretaria Municipal de Saúde de Belém-PA, pela disponibilização do espaço e mobilização dos usuários para participação no encontro.

Referências

1. Oliveira FB, Fortunato ML. Saúde mental: reconstruindo saberes em enfermagem. *Rev Bras Enferm.* 2003;56(1):67-70. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672003000100014>.
2. Pires JF, Resende LL. Um outro olhar sobre a loucura: a luta antimanicomial no Brasil e a Lei 10.216/2001. *Cad Esc Dir Rel Int.* 2016;2(25):34-47.



3. Lima AF. Os movimentos progressivos-regressivos da reforma psiquiátrica antimanicomial no Brasil: uma análise de saúde mental na perspectiva da psicologia social crítica. *Rev Salud Soc.* 2010;1(3):165-77. <http://dx.doi.org/10.22199/S07187475.2010.0003.00002>.
4. Rameh-de-Albuquerque RC, Lira WL, Costa AM, et al. Do descaso a um novo olhar: a construção da Política Nacional de Atenção Integral aos usuários de álcool e outras drogas como conquista da Reforma Psiquiátrica Brasileira: o caso de Recife (PE). *Psicol Pesqui.* 2017;11(1):1-2.
5. Macedo JP, Abreu MM, Fontenele MG, Dimenstein M. A regionalização da saúde mental e os novos desafios da reforma psiquiátrica brasileira. *Saude Soc.* 2017;26(1):155-70. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902017165827>.
6. Vasconcelos EM. Empoderamento de usuários e familiares em saúde mental e em pesquisa avaliativa /interventiva: uma breve comparação entre a tradição anglo-saxônica e a experiência brasileira. *Cien Saude Colet.* 2013;18(10):2825-35. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013001000007>.
7. Coelho DM. Intervenção em grupo: construindo rodas de conversa. In: *Anais do XIV Encontro Nacional da ABRAPSO; 2007 Out; Rio de Janeiro, Brasil.* Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Psicologia Social; 2007.
8. Alves TC, Oliveira WF, Vasconcelos EM. A visão de usuários, familiares e profissionais acerca do empoderamento em saúde mental. *Physis.* 2013;23(1):51-71. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312013000100004>.
9. Machado PF, Scarparo HBK, Hernandez ARC. Narrativas do silêncio: movimento da luta antimanicomial, psicologia e política. *Rev Psicol Política.* 2015;15(34):599-616.
10. Nóbrega MPSS, Silva GBF, Sena ACR. Funcionamento da Rede de Atenção Psicossocial-RAPS no município de São Paulo, Brasil: perspectivas para o cuidado em Saúde Mental. In: *Atas do 5º Congresso Íbero-Americano em Investigação Qualitativa; 2016 Jul; Porto, Portugal.* Porto: Ludomedia; 2016.
11. Vasconcelos MGF, Jorge MSB, Guimarães JMX, et al. Saúde mental no contexto do Programa Saúde da Família: representações sociais de usuários e familiares. *Rev Rene Fortaleza.* 2008;9(3):9-18.
12. Correia PR, Torrenté MON. Efeitos terapêuticos da produção artística para a reabilitação psicossocial de pessoas com transtornos mentais: uma revisão sistemática da literatura. *Cad Saude Colet.* 2016;24(4):487-95. <http://dx.doi.org/10.1590/1414-462x201600040211>.

Contribuição dos autores

Emanuele Cordeiro Chaves e Karen Caroline Vieira dos Santos participaram da elaboração e desenvolvimento da atividade educativa e de todas as fases de elaboração do manuscrito. Carla Andréa Avelar Pires participou na concepção inicial, acompanhamento, orientação do estudo e revisão crítica do manuscrito.